

# FHC x Lula e o outro jogo

Com a proximidade do pleito presidencial e a queda de FHC nas pesquisas de intenção de voto, os resultados dessas consultas estão ocupando as manchetes. Outras pesquisas revelam também os resultados no caso dos governadores dos Estados.

A ênfase nesses levantamentos coloca em segundo plano o fato de que nas próximas eleições serão também escolhidos os deputados federais para o período de 1999 a 2002, juntamente com parte do Senado, mais os membros das Assembleias Legislativas, estaduais. Assim, pouca atenção se dá às eleições para o Poder Legislativo. Vamos concentrar nossas observações nas eleições para a Câmara e para o Senado.

O Brasil, tanto a mídia como os eleitores em geral, ainda não se deu conta de que essas eleições para o Legislativo são também importantíssimas. A eleição do presidente, entretanto, é que atrai todas as atenções. Para não ir muito longe na História, recorde-se a importância do Legislativo no impeachment do ex-presidente Collor. No caso do governo de FHC, tem sido enorme a influência do Congresso sobre seu desempenho, não só no caso da votação das reformas – que no final se revelaram bem mais limitadas que as propostas pelo presidente – como também na armação política do Executivo. Além de as votações terem sido cheias de dificuldades, o poder do Congresso forçou o presidente a fazer negociações e alianças que diminuíram em muito



**A eleição do presidente atrai todas as atenções e o Legislativo fica em plano secundário**

seu poder e prejudicaram sua eficácia e seu prestígio.

A continuar assim, caminharíamos, mais uma vez, para o mesmo erro de desprezar as eleições para o Legislativo e de deixá-las à sombra da eleição presidencial. Sendo muitos os candidatos e com votos pulverizados dentro de cada Estado, já que o voto não é distrital, isso torna difícil e custosa a

realização de pesquisas eleitorais – outra razão é que a enorme lista dos candidatos só vai ficar definida no início de julho. De qualquer forma, mesmo depois de escolhidos os candidatos à Câmara e ao Senado, é tradição da política brasileira concentrar as atenções na

eleição do presidente, pouco se interessando pelo Legislativo. Mas este tem enorme peso no processo de decisão política e poderá, tal como aconteceu no governo FHC, tornar difícil o cumprimento das promessas feitas pelo candidato que chegar à Presidência.

Menos do que as dificuldades de realizar pesquisas eleitorais, parece haver nesse desprezo pela eleição para o Legislativo um ranço de autoritarismo e de crença obsessiva no poder centralizado no presidente, superestimando o que este pode fazer. Em toda eleição, tal como nas de Collor e FHC, um candidato a presidente acaba sendo eleito como se fosse o salvador da Pátria. Aliás, nem os próprios candidatos se dão conta de suas limitações, prometendo um monte de coisas que não dependem só da ação do presidente. Chegando ao governo, entretanto, o eleito se depara com a enorme dificuldade de enfren-

tar o Legislativo, em que o poder é pulverizado e as alianças custam caro, tanto em matéria de comprometimento político como das finanças públicas.

Comparando essa situação com a Copa do Mundo ora em andamento, o que se verifica é que, concentrando as atenções sobre a disputa FHC x Lula e menosprezando as eleições para o Congresso, é como se a disputa dos candidatos presidenciais fosse a final do campeonato e apontasse, assim, o vencedor do certame. Trata-se, na verdade, apenas de uma eliminatória. Quem ganhar vai enfrentar um Congresso eleito com muito pouca transparência sobre o processo de escolha e sobre as figuras dos escolhidos. Aí, então, começará o grande embate, que durará quatro anos, e, mais uma vez, se revelará decisivo para definir o sucesso ou o fracasso do presidente.

O Brasil, portanto, ainda não acordou para o fato de que a eleição presidencial representa apenas esse estágio intermediário de uma grande disputa pelo poder político, que se desenrolará nos quatro anos seguintes. Com a profusão das pesquisas, a mídia pode achar que está informando. Na realidade, está desorientando o eleitor, pois faz com que ele, juntamente com ela, coloque a eleição do Legislativo numa segunda ordem de importância.

Mais uma vez, entretanto, há a oportunidade de aprender as lições do passado e evitar não só a ilusão de que a disputa se esgota na eleição presidencial, mas, também, trazendo para o palco as personalidades e os processos que definem a eleição para o Poder Legislativo.

